

# Opinião



VÍTOR AGUIAR E SILVA



EDUARDO JORGE MADUREIRA LOPES

osdiasdasemana@gmail.com

OS DIAS DA SEMANA

## Mas isto é arte? (I)

Há um século, no mês de Abril de 1917, ocorreu em Nova Iorque um acontecimento que havia de marcar indelevelmente em anos futuros a arte contemporânea, a filosofia da arte e a estética.

Marcel Duchamp (1887-1968) era um jovem artista plástico atraído pelas ideias e pelas práticas dos movimentos de *vanguarda*, em especial pelo cubismo, que em Junho de 1915 se instalou em Nova Iorque, deixando para trás a França e a guerra europeia. Já era conhecido nos meios artísticos parisienses e nova-iorquinos pela audácia da sua obra pictórica intitulada *Nu descendant un escalier* (1912).

No referido mês de Abril de 1917, apresentou à exposição da *American Society of Independent Artists* uma insólita obra: um urinol em porcelana branca, igual aos urinóis que vendia a companhia de artigos de quarto de banho J.Le Mott Iron Works. Assinou o urinol com o criptónico R. Mutt, inscreveu no rebordo inferior do objecto a data de 1917 e denominou *Fountain* (*Fontaine, Fonte*) a obra proposta para figurar na exposição. Segundo as regras estabelecidas pelos organizadores do certame – Marcel Duchamp fazia parte da comissão organizadora –, não existia selecção prévia das obras apresentadas, mas o urinol assinado por R. Mutt não foi exposto, tendo sido ocultado algures, e não figura no catálogo da exposição. O original perdeu-se e a única imagem que dele perdura deve-se à fotografia tirada por Alfred Stieglitz, um fotógrafo nova-iorquino com alguma fama. Esta fotografia possibilitou a reconstituição do urinol perdido, do qual foram executadas réplicas em 1950, 1963, 1964 e 1973.

A *Fonte* é o mais célebre exemplar da «obra de arte» que o próprio Marcel Duchamp designou, em 1916, por *readymade* (ou *ready-made*), isto é, um objecto banal da realidade quotidiana que, por decisão do artista e mediante a aceitação do que viria a chamar-se o «mundo da arte» (*artworld*) e a «instituição da arte», passa a ter o estatuto de «obra de arte». A integração de elementos do real quotidiano na estrutura formal e semântica das obras de arte, desde a pintura à poesia, é uma estraté-

gia tipicamente vanguardista, tendo como objectivo apagar as fronteiras entre a esfera da arte e a esfera da vida real.

Já em 1913 Manuel Duchamp produziu um *readymade* intitulado *Roda de bicicleta* (*Roue de bicyclette*) e em 1914 um outro, denominado *Porta-garrafas* (*Porte-bouteilles*), mas só a *Fonte*, graças ao escândalo que provocou nos meios artísticos de Nova-Iorque, é que deu origem, sobretudo depois de meados do século XX, a acesos debates sobre o *readymade*, o «mundo da arte» e a (in)definição da obra de arte. Deve anotar-se que *Fonte* não é um *readymade* propriamente dito, isto é, um objecto da realidade quotidiana isento de qualquer elemento artefactual, mas sim um *aided readymade* – ou seja, um *readymade* «ajudado» –, pois Marcel Duchamp alterou a configuração funcional do urinol autêntico, após-lhe uma assinatura autoral e uma data e deu-lhe uma denominação metafórica.

O choque provocado pelo *readymade* de Duchamp ganhou nova actualidade quando, no apogeu da *pop art*, em 1964, o artista plástico Andy Warhol (1928-1987) expôs como obras de arte, na *Stable Gallery* de Nova Iorque, uma colecção das suas *Brillo Boxes*, reproduções perfeitamente iguais, embora em contraplacado e não em cartão, às *Brillo Boxes* que se vendiam nos estabelecimentos comerciais e que continham esfregões de palha de aço com detergente para limpar tachos e panelas.

As *Brillo Boxes* de Andy Warhol, graças ao ensaio intitulado «The artworld» que, logo no ano de 1964, lhe consagrou Arthur Danto (1934-2013), influente crítico de arte e professor de filosofia da Columbia University, e cujas teorias matriciais foram depois desenvolvidas no seu livro *The transfiguration of the commonplace* (1981), tornaram-se um dos temas mais relevantes e mais controversos da contemporânea filosofia da arte, em particular no que diz respeito à ontologia da obra de arte. Como veremos em próximo artigo, muitos pensadores e críticos de arte, como muita gente comum, perante exemplos como a *Fonte* de Duchamp e as *Brillo Boxes* de Warhol, interrogam-se inquietos: «Mas isto é arte?».

O autor não escreve segundo o chamado «acordo ortográfico»

## Os crimes das revistas de mexericos

Verão traz diferente clientela aos quiosques de jornais e revistas. É por isso que, de norte a sul, os escaparates se apresentam com títulos novos durante estes dias estivais. Pode faltar tudo o resto, mas não hão-de agora escassear as revistas estrangeiras de coscuvilhices. Como durante o resto do ano, será impossível encontrar a excelente *Claves de Razón Práctica*, uma revista espanhola que se apresenta como sendo – e é – “de pensamento crítico e agitação cultural, um espaço para a reflexão”, mas nunca falhará a famosíssima *Hola*. E, bem vistas as coisas, para quê ler considerações sobre teatro, tema em destaque no mais recente número da revista dirigida pelo filósofo Fernando Savater, se, em cada página da *Hola*, se nos oferece uma comédia ou um drama, encenados no palco da frivolidade.

Em língua francesa, como nos outros meses, ninguém encontrará, por exemplo, a revista semanal *La Vie* ou a quinzenal *Société*, mas todos facilmente acharão qualquer uma das várias revistas de bisbilhotice. Muitas apenas aparecem por esta altura. Como a todas as localidades acorrerá gente chegada de França, supõe-se que será necessário providenciar para que nada falte aos que não dispensam a onzenice sobre os protagonistas do *show-business*. A lista de revistas que se lhes oferece é extensa e engloba publicações antigas, como a *Paris Match*, (1949), e mais ou menos recentes, como a *Voici* (1987), a *Public* (2003) e a *Closer* (2005), para apenas referir alguns dos títulos mais vendidos.

“*Jenifer. Graças a Ambrósio, ela revive*”, destacava a *Voici*, no final de Julho. Nada será estranho nesse título. A informação sobre a rapariga, que os franceses, ou muitos deles, provavelmente conhecerão, salva por um rapaz, que os franceses, ou muitos deles, também presumivelmente saberão quem é, não difere da que surge nas capas de outras revistas, incluindo as portuguesas.

Uma rapariga que é feliz à custa de um rapaz ou uma rapariga que por causa dele sofreu são tópicos das revistas de coscuvilhices. Uma especificida-

de francesa surge, todavia, em toda a parte inferior da capa dessa *Voici*. Sobre um fundo branco, um título e um texto. “*Publicação judicial a pedido de Vanessa Paradis*”, diz o título. O texto que se segue tem poucas linhas e pode ser lido à distância: “Por decisão de 11 de Julho de 2017, o tribunal de grande instância de Nanterre condenou sumariamente a sociedade Prisma Média por ter publicado no n.º 1516 da revista *Voici* um artigo atentatório do direito à vida privada e do direito à imagem de Vanessa Paradis.”

Quem se detiver, com alguma regularidade, a observar as capas destas publicações, ficará muito rapidamente surpreendido ao constatar que estas inserções judiciais são banais. De tal modo, que tenderá a julgar que, pelo menos em França, cada revista de mexericos é editada à custa de um crime. De um ou de vários. Na capa de um número anterior da *Voici*, uma “*Publicação judicial a pedido de Sophie Marceau*” informava que, por decisão de 15 de Março passado, o mesmo tribunal de Nanterre tinha condenado os donos da revista por terem publicado também no n.º 1516 um artigo atentatório do direito à vida privada e do direito à imagem da actriz Sophie Marceau.

Um número, dois crimes. Pelo menos. A quantidade de condenações judiciais da *Closer*, da *Public* e da *Voici* é espantosa e não menos impressionante é este género de publicações beneficiar da acção cúmplice dos leitores.

Mas o que é admirável, num tempo que fomenta a devassa, em que são escassos os que se preocupam com a reserva da vida privada (algo, aliás, que muitos nem sequer supõem que possa existir e outros crêem ser uma extravagância anacrónica) e em que, além disso, parecem carecer de valor os que não se promovem através das redes sociais e de quaisquer meios ao dispor, é haver quem considere a privacidade um valor por que vale a pena combater.